

Shantay, You Stay¹: o consumo de RuPaul's Drag Race no Brasil

Kaippe Arnon Silua Reis²

Raquel Marques Carriço Ferreira³

Resumo

A presente pesquisa buscou compreender o que motiva o público brasileiro a se expor ao seriado estadunidense RuPaul's Drag Race, transmitido no Brasil atualmente pelo canal por assinatura Multishow e disponível no serviço sob demanda Netflix, já tendo passado pelo canal VH1. Para tanto fomos a campo para compreender o que leva um produto protagonizado por *drag queens* a ser consumido de tal forma a levar a cultura de homens que se vestem de mulher ao auge. A Teoria Fundamentada em Dados foi o método utilizado para descobrir as motivações do público para assistir ao programa, sendo elas 1. integração social, 2. bandeira identitária, 3. aprendizagem e 4. curiosidade.

Palavras-chave: *RuPaul's Drag Race*; *Audiência*; *Teoria Fundamentada em Dados*; *Drag Queen*.

INTRODUÇÃO OU " TODOS NÓS NASCEMOS NUS E O RESTO É *DRAG*" ⁴

Quando procuramos a expressão *drag queen* no dicionário online Michaelis, da editora Melhoramentos (2009), o verbete tem como significado "Homem que se veste de mulher, utilizando-se de roupas exóticas e maquiagem carregada, como diversão, ou a trabalho, normalmente em bares e casas de espetáculo.". No entanto, este conceito de *drag queen* é raso diante do peso histórico e cultural dos homens que se vestem de mulher.

¹ Bordão repetido pela *drag queen* RuPaul quando avisa que uma das drags de RuPaul's Drag Race vai permanecer no programa.

² Graduando do Curso de Comunicação Social com habilitação em Audiovisual pela Universidade Federal de Sergipe. Email: kaippereis@hotmail.com.

³ Doutora pela Universidade Nova de Lisboa e Professora Adjunta da Universidade Federal de Sergipe. Email: raquelcarriço@gmail.com.

⁴ Citação da faixa "Born Naked" do disco homônimo da *drag queen* RuPaul lançado em 2013. No original "We're all born naked and the rest is drag".

Outro fato que é ausente na definição é o teor artístico que existe por trás das "roupas exóticas e maquiagem carregada".

Nos dias de hoje, as *drags* se apropriam do gênero oposto para participar de apresentações artísticas, geralmente com dança e dublagem de músicas, fazer espetáculos de comédia, e ainda participar de concursos de beleza e desfiles de moda (TURNEY, 2014). "Por mais que a *drag queen* se apresente, na maioria das situações, em ambientes de cultura gay, a forma artística em si não se correlaciona diretamente com o conceito de identidade de gênero ou orientação sexual." (AMANAJÁS, 2015, p. 2).

A figura das *drag queens* surgiu bem antes de ser assim rotulada. O seu surgimento possui ligação direta com o machismo entrelaçado nas relações interpessoais ao redor do mundo, neste caso específico afetando as artes cênicas. O machismo se mostrou na prática, neste caso, com atores que tinham que interpretar papéis femininos nas mais diversas encenações por conta do cerceamento das mulheres ao espaço teatral em diversas culturas.

Desde a origem grega do teatro, o palco foi negado às mulheres e estas não podiam interpretar personagens nas montagens teatrais, mesmo que de figuras femininas. Isto aconteceu em diversos locais: desde a antiga Grécia até em países do Oriente como Japão e Indonésia, como explana a jornalista Cristen Conger em seu artigo "How Drag Queens Work".

Com a exclusão das mulheres nas artes cênicas, os homens assumiram as personagens femininas se utilizando de máscaras e perucas para representar nos palcos. Tal condição foi vivida na Europa até muito tempo após os primórdios do teatro grego como na era do teatro Elisabetano (1558-1625) na Inglaterra, era do teatro que viveu o dramaturgo Willian Shakespeare.

Especula-se também que Shakespeare, ao conceber suas personagens femininas, ao rodapé da página em que descrevia tal papel, marcava-o com a sigla DRAG, *dressed as girl* (vestido como menina, em tradução livre), para sinalizar que aquela personagem seria interpretada por um homem. Não há provas concretas disso, pois nenhum manuscrito do autor sobreviveu ao longo dos 450 anos que o separam da contemporaneidade. O fato é que, sendo lenda ou não, a história é orgulhosamente contada e recontada pelas *drag queens* (AMANAJÁS, 2015, p. 10).

Na Inglaterra, em 1674, os homens que se vestiam de mulher perderam espaço no teatro com a permissão dada pelo rei Carlos II de mulheres poderem, a partir de então, atuar. Num primeiro momento as duas figuras coexistiam, principalmente por conta de muitas mulheres serem iletradas naquela época, porém tais homens acabaram saindo de

cena logo depois. A partir do século XVIII, a *drag* começou a ser percebida diretamente relacionada com a questão da homossexualidade, "homens vestidos de mulheres em suas mais luxuosas roupas da moda [...] passeavam pelas ruas da França, Itália e Inglaterra e, pela primeira vez, a *drag queen* começou a se relacionar com o que é o homem homossexual." (AMANAJÁS, 2015, p. 11).

A revitalização em retorno dos homens vestidos de mulher na Inglaterra foi a partir do século XIX, na era Vitoriana (1837-1901), já sendo utilizada a gíria *drag* para se dirigir a este tipo de ator (AMANAJÁS, 2015, p. 13-14). A sua volta à dramaturgia, no entanto, aconteceu com o seu espaço restrito a interpretação de mulheres em comédias, ironizando a figura feminina enquanto atrizes interpretavam homens jovens. Este gênero teatral britânico é conhecido como pantomima (CONGER, 2012).

No século XIX, em Londres, as damas pantomímicas adentraram a estabelecimentos frequentados por homens da época, denominados de Music Hall, para fazer apresentações que envolviam material de stand up e canto, por exemplo. No entanto, com as duas grandes guerras do século XX, o surgimento da mídia audiovisual e a resignificação do entendimento do papel da mulher a partir das mudanças que o século trouxe, outras variações de *drag queens* surgiram. As damas pantomímicas não vingaram após os anos 1950, assim como o teatro de variedades que perdeu audiência para as novas mídias. (AMANAJÁS, 2015, p. 14)

A década de 1960 deu frescor às ideias do mundo com, por exemplo, as pílulas que possibilitaram a liberdade sexual das mulheres, que por sua vez lutavam em protestos queimando, por vezes, seus sutiãs (ANDRADE, 2007). A sexualidade começou a ser mais aceita com "a diminuição das restrições impostas sobre a homossexualidade". Este movimento comentado por Amanajás teve participação direta das *drag queens* quando em 1969 estiveram na Batalha de Stonewall.

O confronto em questão foi entre a polícia de Nova York e os frequentadores do bar Stonewall Inn por conta de leis que cerceavam a fluidez de gênero e obrigava que, por exemplo, pessoas de sexo masculino usassem pelos menos três peças de roupas tidas apropriadas para si. Numa das constantes batidas policiais no local, os frequentadores se rebelaram e revidaram com os ataques violentos contra a polícia, dando início à Batalha. (STONEWALL..., 2014). As pessoas que começaram com tudo isso foram Marsha P. Johnson e Sylvia Rivera, duas *drag queens* que costumavam ir até o bar e conhecidas militantes do movimento LGBT de sua época (DUARTE, 2015).

DRAG QUEENS E A COMUNICAÇÃO SOCIAL

Em meio a tudo o que acontecia na segunda metade do século XX, as *drag queens*, agora ressurgidas, faziam tanto interpretação de celebridades da cultura pop, como Judy Garland, Marilyn Monroe e Betty Davis, quanto de personagens cômicas (AMANAJÁS, 2015, p. 17). Elas também foram se adaptando e começaram a adentrar nas mídias de massa como a *drag queen* Divine, um dos verbetes da *Encyclopedia of Gay and Lesbian Popular Culture* escrita por Luca Prono (2008). Ela, interpretada pelo ator Harris Glenn Milstead, ficou famosa no meio underground por ter feito diversos filmes do diretor John Waters dentre eles *Roman Candles* (1966) e *Eat Your Makeup* (1968).

A fama de Divine se concretizou, fazendo com que ela virasse um ícone mundial do *underground*, ao interpretar Babs Johnsons, dita como a pessoa mais imunda do mundo em *Pink Flamingos* (John Waters, 1972). No filme, a sua personagem, assim como o resto do elenco, vai aos limites do bom senso tendo feito, por exemplo, sexo oral em seu próprio filho e comendo fezes caninas numa sequência sem cortes. Depois da épica atuação, "Divine se tornou uma celebridade gay e também começou a cantar em discos. Em 1985, ele lançou dois singles de sucesso, "Walk Like a Man" e "I'm So Beautiful". Nos anos 1980 Divine ainda começou a participar regularmente de programas de TV." (PRONO, 2008, p. 93).

O fato é que a figura *drag* nunca se distanciou da arte e, como Divine e as *drag queen* que vieram antes dela, diversos homens vestidos de mulher trilharam por seguimentos artísticos chegando ao estrelato e a fama. Aos poucos, as *drags* adentravam a cultura pop e ocupavam espaço na TV como a australiana Dame Edna Everage (ver CONGER, 2012) e a brasileira Nany People (FISCHER, 2016).

No cinema não foi diferente e diversos filmes já trataram da performance *drag* como, por exemplo, o premiado *Gaiola das Loucas* (Édouard Molinaro, 1978). No entanto, *Priscila, A Rainha do Deserto* (Stephen Elliott, 1994) é um dos mais conhecidos dentre as obras que retratam a comunidade, tendo feito isto de uma maneira que humanizou as pessoas sob as perucas. O filme australiano conta a história três *drags*, dois homens cisgêneros e uma mulher transgênero, que cruzam o deserto da Austrália, em direção ao oeste do país, pra fazer uma apresentação no *resort* Alice Springs. No meio da jornada é

mostrada tanto a face alegre do mundo *drag*, com roupas e músicas, quando a face do preconceito contra esta comunidade.

A produção de baixo orçamento se tornou um sucesso mundial em bilheteria e ainda ganhou o Oscar de Melhor Figurino, único prêmio a que concorreu na noite.

Com toda sua alegria, maquiagem e músicas dos anos 70/80, Priscilla colocou o cinema australiano na história e abriu as portas da sétima arte para representações mais dignas e positivas da comunidade LGBT*. O longa foi quase como um “suspiro de alívio” diante do que foi a década de 80 para os gays, com o surgimento e a epidemia da AIDS. Deixou-se de lado essa faceta sombria em prol de uma história divertida, alto astral. Assim, as produtoras perceberam que não estavam dando uma representação digna à comunidade nas telonas. Foi quase como uma revolução... feita em cima do salto alto (COSTA, 2014).

Apesar de serem famosas por dublagens de divas do pop, diversas *drag queen* também se lançam em carreiras musicais, como aconteceu com Divine após a fama de Pink Flamingos.

Nos anos 2000, Courtney Act e Adore Delano ficaram famosas por participar de concursos musicais montadas de *drag*, respectivamente Australian Idol 2003 e American Idol 2008, chegando a elevadas etapas de ambos "Idols". A partir da exposição gerada nos *reality shows*, ambas as *drags* lançaram discos e *singles* e investiram na carreira musical tendo adquirido considerável respeito. Também, a *drag queen* austríaca Conchita Wurst ficou mundialmente famosa por participar do programa Festival Eurovisão de Canção (2014), com a peculiaridade de ser uma *bearded queen*⁵ (MEDEIROS, 2015).

HELLO, HELLO, HELLO⁶

Apesar de importantes nomes terem aparecido na história da comunidade *drag*, foi em meados dos anos 1980 que surgiu a *drag queen* que levaria esta cultura ao seu auge. Seu nome é RuPaul, o mesmo nome do homem por trás das perucas loiras e com pinta de modelo, RuPaul Charles (VIEIRA, 2015).

RuPaul é um espetacular ato de auto-reinvenção e reivindicação *Drag*. Ele criou uma personagem – atrevida, forte, linda e negra – mas argumenta que sua performance é de um personificador feminino, alegando que ele não se parece com uma mulher, e sim com uma *Drag Queen*: ‘Eu não penso que eu poderia nunca me assemelhar com uma mulher. Elas não se vestem desta forma.

⁵ *Drag queen* que, apesar de vestida como mulher, se utiliza de barba

⁶ Bordão da *drag queen* RuPaul a cada primeira aparição em seu programa RuPaul’s Drag Race

Somente *Drag Queens* se vestem assim (BAKER, 1994 apud AMANAJÁS, 2015, p. 19).

Sua carreira começou nos anos 1980 na cidade de Atlanta quando Ru, como também é chamada, começou a abrir shows de punk rock e a participar de filmes de baixo orçamento montada em *drag* e a performar em clubes. No final da década, quando já estava consideravelmente famosa em Atlanta, ela se muda para Nova Iorque e em 1989 é coroada pelos donos de clubes de NYC como "Rainha de Manhattan". No entanto, o seu grande sucesso veio em 1993 quando lançou o disco *Supermodel* que emplacou os hits "Supermodel (You Better Work)" e "Back to my roots" (PRONO, 2008, p. 231).

Após este estopim, RuPaul continuou nos holofotes e, segundo seu site oficial, atuou, montado de *drag* ou não, em diversos filmes como *Crooklyn* (Spike Lee, 1994), gravou dueto com *sir* Elton John e ainda assinou contrato de sete anos com a MAC Cosmetics. Apresentou também um *talk show* no canal VH1 entre 1996 e 1998 que ia ao ar seis dias na semana e entrevistava personalidades da cultura pop. Mas foi somente em 2009 que RuPaul levou a cultura *drag* ao seu auge quando lançou o *reality show* RuPaul's Drag Race nos Estados Unidos pelo canal por assinatura Logo TV, braço da Viacom voltado para a comunidade LGBT (ROGERS, 2014).

QUE A MELHOR MULHER VENÇA?

O *reality show* RuPaul's Drag Race é exibido originalmente nos Estados Unidos no primeiro trimestre pela Logo TV, e as antigas temporadas podem ser assistidas no serviço de streaming Netflix. No ano de 2016 ocorreu a sua oitava temporada e a nona foi confirmada pelo canal para ser transmitida em 2017 (JACOBS, 2016). Cada episódio dura cerca de 40 minutos e mostra um grupo de *drag queens*, em média doze, passando por provas relacionadas ao universo *drag* como a criação de *looks*, dublagem, canto ao vivo, atuação, coreografia, dentre outros desafios que se repetem semana a semana.

No começo de cada programa, RuPaul apresenta o desafio da semana e, por vezes, um desafio secundário que pode interferir ou não na decisão final. Ao decorrer do episódio vê-se a preparação para o momento final em que as participantes apresentam um dos desafios em frente a uma equipe de jurados. O júri, por sua vez, é formado pelo próprio

⁷ Bordão reproduzido pela *drag queen* RuPaul antes de cada desafio do seu programa RuPaul's Drag Race como forma de incentivo aos concorrentes.

RuPaul e por jurados fixos, geralmente amigos de longa data de RuPaul como Michelle Visage e Santino Rice. Há ainda e outros especialmente convidados, geralmente personalidades como Pamela Anderson, e LaToya Jackson (ROGERS, 2014).

Após todas as *drag queens* desfilarem com seus *looks* com temas delimitados por RuPaul, o júri faz suas observações. A cada programa, Ru lembra que ele ouve as críticas dos jurados, mas a decisão final é dele. Com isso, a *drag* escolhe a melhor e as duas piores competidoras. A primeira ganha um prêmio, geralmente de um patrocinador do programa, e as outras duas precisam dublar uma música para que RuPaul escolha entre as duas qual sairá da competição. Na maioria dos programas uma *drag queen* deixa a disputa e perde o direito de ser coroada como a "próxima *drag superstar* da América", título que faz referência ao do programa America's Next Top Model (MEDEIROS, 2015).

Ao decorrer das provas, acontecem brigas, discussões e outras intrigas que são usadas pela produção do programa para dar uma curva dramática ao *reality show*. Um bom exemplo aconteceu no oitavo episódio da quarta temporada, exibido originalmente no ano de 2012, cujo título era Frenemies. Nele, RuPaul faz um questionário auditado por um polígrafo e une pares de *drags* que mostram menos afinidade para montarem um número musical e apresentá-lo em frente aos jurados.

Além disso, em outros momentos a estrutura do programa ajuda a pôr *drags* umas contra as outras, ou a criar laços afetivos mais fortes, como disputas em que há líderes que vão escolhendo as outras participantes para os seus times. Há ainda um quadro que acontece apenas uma vez durante toda a temporada, a "biblioteca". Segundo RuPaul, "ler é fundamental" e por isso ele pede para que as *drags* leiam a fundo suas concorrentes possibilitando que sejam expostas as intrigas que existem entre elas, apesar de as falas acabarem sendo recebidas em tom de brincadeira.

O quadro faz referência ao documentário Paris is Burning (1990), inspiração direta de RuPaul para criar o programa como o próprio costuma citar antes do quadro "biblioteca" e em outros momentos da disputa. O filme em questão mostra competições entre *drag queens* em no subúrbio de Nova Iorque como vestimentas, dança, aparência e também o *shade* e o *reading*, levado ao programa como a biblioteca.

RuPaul's Drag Race é um grande sucesso nos Estados Unidos, sendo a maior audiência do canal Logo (ROCHA; BRITO, 2015) e tendo vencido em 2014 o prêmio de Melhor Reality Show na premiação da associação dos críticos da televisão americana (BIRNBAUM, 2014). O sucesso não atinge apenas os anônimos, diversos famosos já

participaram, sempre alegando que gostam do reality, e ainda tantos outros que são abertamente fãs como Scarlett Johansson e Lady Gaga (PESSOA, 2015).

O sucesso do programa é tanto que existem outros programas nascidos a partir dele, conhecidos como *spin-offs*. Um deles foi RuPaul's Drag U em que mulheres cisgênero entram no mundo das *drag queens* com a ajuda das ex-participantes do RuPaul's Drag Race. O segundo é o RuPaul's All Stars Drag Race em que as melhores *drag queens* participantes do Drag Race têm a chance de disputar mais uma vez a coroa e entrar para a realeza do programa (MEDEIROS, 2015).

Está ainda em desenvolvimento a versão britânica do show, confirmada pelo próprio RuPaul em entrevista à Folha de São Paulo. Na ocasião ele afirmou também estar em negociação uma versão alemã. Apesar de tudo, Ru continua afirmando que a cultura não é *mainstream*: "O sucesso [...] e os contratos publicitários obtidos pelas participantes, porém, não mudam sua crença [de RuPaul] de que *drag* ainda é uma cultura *underground* e deve permanecer assim" (PESSOA, 2015).

CORRIDA DAS LOUCAS

No Brasil, o seriado podia ser assistido na TV por assinatura pelo canal VH1 que, assim como a Logo TV, pertence ao grupo Viacom. Ao invés de se utilizar do nome original, como fez a Netflix quando o *reality* chegou a seu catálogo, a VH1 rebatizou RuPaul's Drag Race no Brasil como Corrida das Loucas. Apenas quatro temporadas foram transmitidas pelo canal musical e em 2015 a Globosat comprou os direitos de exclusividade da transmissão no Brasil e a partir daí o reality começou a ser transmitido pelo canal Multishow com o título original.

Fora da radiodifusão, os fãs de RuPaul's Drag Race podem assistir aos episódios legalmente na Netflix. O serviço de vídeo sob demanda possui da segunda até a sexta temporadas a disposição dos assinantes (MULTISHOW..., 2014).

Apesar de tratar de *drag queens* em sua maioria americanas, é possível perceber que o seriado caiu no gosto de inúmeros brasileiros. Para se ter ideia do sucesso, a Netflix retirou o seriado de seu catálogo e, devido a tantas reclamações dos fãs nas redes sociais, voltou em poucas horas com pedidos de desculpas por parte da empresa (MULTISHOW..., 2014). Em matéria na Folha de São Paulo, a jornalista Gabriela Sá Pessoa cita, para confirmar o sucesso que a Drag Race tem no país, a quantidade de festas em homenagem ao programa e os espetáculos que as ex-participantes fazem em capitais de todo o país. No

show da *drag queen* Alaska em São Paulo, por exemplo, o *meet and greet* tinha uma fila que dava volta no quarteirão, mesmo que todos que ali estavam tivessem a certeza que iam vê-la já que haviam pago R\$ 150 pelo encontro (VIEIRA, 2015).

Outro fato que comprova o sucesso e aceitação do público pelo formato e temática é o surgimento de *reality shows* brasileiros similares ao americano. Em 2012, por exemplo, foi transmitido pela TV Diário, emissora sediada no Ceará, o primeiro *reality show* da televisão brasileira sobre a temática chamado Glitter – Em busca de um sonho. O sucesso da primeira temporada foi tamanho que garantia a vice-liderança para a emissora em Fortaleza e grande repercussão na internet devido a falas cômicas das concorrentes (GLITTER..., 2012).

Além de Glitter, há um outro *reality show* feito diretamente para a internet, especificamente para ser postada no Youtube, ele se chama Academia das Drags e é apresentado pela *drag queen* Silvetty Montilla. Em entrevista à Carta Capital, ela comentou que “Devido ao RuPaul, a gente tem tido mais espaço para mostrar nosso trabalho” e completou dizendo que a profissão está sendo mais aceita devido ao programa.

Por conta do impacto que o seriado RuPaul's Drag Race tem tido tanto entre estadunidenses, europeus e brasileiros, surgiu a necessidade de estudar e entender a relação comunicacional que há entre o produto e o seu público. Então, a partir da Teoria Fundamentada em Dados (TFD) como método de pesquisa, buscamos observar o que leva especificamente o público brasileiro a consumir continuamente o seriado.

MÉTODO DE PESQUISA

Para compreender o que motiva os receptores a se exporem a RuPaul's Drag Race no Brasil, utilizamos a abordagem da Teoria Fundamentada em Dados (TFD). Com ela, foi "possível elaborar categorias que organizam e interpretam os eventos, explicam propriedades as condições sobre as quais as ações variam e conseqüentemente resultam" (FERREIRA e FELIZOLA, 2012).

(...) a teoria fundamentada em dados é um método de condução da pesquisa qualitativa focado no desenvolvimento de estruturas teóricas construídas a partir da análise indutiva das informações, estas surgidas dos dados substantivos investigados. A ideia central do TFD é que o resultado da investigação surja fundamentos nos dados recolhidos em campo pelo pesquisador (CHARMAZ, 2006 apud FERREIRA, 2015, p. 74).

Ferreira e Felizola (2012) indicam que no TFD tem como indicação amostral de contatos a serem fontes de dados "uma amostragem teórica" onde o pesquisador "recolhe, codifica e analisa informações de fontes que provavelmente fornecerão dados relevantes". Na pesquisa exposta neste artigo, as informações foram coletadas, catalogadas e analisadas entre os meses de abril e maio de 2016 quando está sendo transmitida nos EUA a oitava temporada de RuPaul's Drag Race (JACOBS, 2016). A pesquisa buscou explorar os motivos de exposição dos telespectadores brasileiros ao reality show estadunidense.

Um total de catorze pessoas entre 20 e 34 anos participaram de entrevistas em profundidade, digitalmente gravadas, que possibilitou a coleta dos dados para pesquisa. Tendo em vista a histórica ligação das *drag queens* com a comunidade LGBT, foi tomado o cuidado de equilibrar a quantidade de pessoas heterossexuais e não heterossexuais, tendo sido entrevistados sete pessoas de cada grupo.

Procuramos também equilibrar o número de homens e mulheres, sendo seis e oito respectivamente. Ainda foi utilizado o critério ABEP para delimitar a faixa de renda, fazendo com que a coleta não trouxesse dados tendenciosos e revelasse da melhor maneira possível, os motivos de exposição e consumo do Drag Race. O critério para escolha dos entrevistados pode ser visto na tabela abaixo:

Entrevistado	Gênero	Sexualidade	Idade	Ocupação	Classe Social
A	Masculino	Homossexual	21	Estudante	C2
B	Masculino	Homossexual	21	Desempregado	B2
C	Feminino	Bissexual	23	Estudante	C1
D	Masculino	Heterossexual	21	Fotógrafo	B1
E	Feminino	Bissexual	22	Designer	C2
F	Feminino	Heterossexual	21	Estudante	B1
G	Feminino	Heterossexual	22	Estudante	B2
H	Masculino	Heterossexual	26	DJ	C1
I	Masculino	Homossexual	34	Professor	C1
J	Feminino	Heterossexual	24	Estudante	A
K	Feminino	Homossexual	20	Social Mídia	B2
L	Masculino	Heterossexual	33	Músico	C2
M	Feminino	Heterossexual	20	Estudante	C1
N	Feminino	Homossexual	21	Fotógrafa	B1

Segundo a TFD, há três etapas para a codificação dos dados que começa após a finalização das entrevistas, são elas codificação aberta, codificação axial e codificação teórica.

No processo de codificação aberta, segundo Cassiani et al. (1996) é iniciada através do processo de comparação das informações que serão contextualizadas em categorias. Num segundo momento é desenvolvida a codificação axial que seria a reorganização das informações dando-lhes agora, conceitos mais concretos e precisos, no qual as categorias são comparadas novamente e separada por semelhanças ou afinidades, sendo posteriormente reorganizadas e conectadas ou suas propriedades intrínsecas (CASSIANI, 1996 apud SANTOS, SALES, FERREIRA, 2015).

Após a identificação das categorias de motivações elas foram agrupadas a partir de afinidades, assim, quinze categorias se transformaram em quatro categorias generalizadas. Após a decodificação substantiva, investimos na decodificação teórica conceituando as categorias relacionando neste momento com a literatura existente.

THE TIME HAS COME⁸

A motivação mais fortemente presente nos relatos foi Integração Social, presente em dez entrevistas. A motivação Bandeira Identitária e Entretenimento vieram logo a seguir, identificadas em nove entrevistados. Já a motivação Curiosidade foi expressa por oito pessoas.

Como o nome diz, a motivação Integração Social, foi revelada pelo fato de espectadores serem submetidos a esse conteúdo por conta das interações sociais que eles proporcionam, como conversas ou momentos com amigos:

"[...] vejo sempre uma segunda vez com uma amiga [...]. Eu converso muito com ela sobre RuPaul. Não só com ela, com vários amigos. RuPaul é sempre pauta de conversas."

"[...] logo que começou, eu assistia na TV, ele ainda não era famoso. Agora que tá todo mundo comentando eu voltei a assistir e eu adoro."

"[...] eu via episódios soltos, achava divertido, mas não tinha aquela coisa de acompanhar. Aí, depois, conversando com amigos a gente começou a conversar sobre o episódio que eu tinha visto e o pessoal começou a falar 'assista desde a primeira que vale a pena', e eu baixei e comecei a assistir numa mega maratona."

Um fato interessante relacionado a esta categoria é que todos os homens heterossexuais entrevistados revelaram se expor ao programa para interação, pois, por unanimidade, as suas companheiras incentivam que eles assistam de alguma maneira.

⁸ Parte do bordão de RuPaul "The time has come to lipsync for your life" com tradução próximo a "É chegada a hora de dublar por sua vida". A expressão é utilizada no final do episódio antes da disputa de dublagem entre as piores *drags* do episódio

"Minha companheira que começou a acompanhar pela internet e aí eu comecei a assistir junto."
"Toda terça-feira vou pra casa de minha namorada e assisto com ela e o amigo que me apresentou sob efeito de psicoativos."
"Assisto toda semana com minha namorada [...] no começo a gente ficou vendo em maratona, mas só foi esse momento mesmo."

A segunda motivação mais citada, ao lado de Bandeira Identitária foi Entretenimento. Nesta categoria é identificado que diversas pessoas assistem ao *reality show* pelo simples entretenimento. Elas citam nas falas que gostam das provas ou ainda apenas de ver seriados numa maneira geral:

"Eu achei divertido. Eles misturam várias coisas de entretenimento num geral. Tipo, tem desafios de atuação, de canto de maquiagem, de diversas coisas diferentes."
"Eu acho que é uma coisa que te prende muito. É muito criativo, é muito colorido e divertido [...]"
"A qualidade do seriado é boa. Além da maneira como o programa lida com provas e eliminações, que é uma coisa que eu considero emocionante [...]"
"Ele é um ótimo programa de entretenimento. Ele é divertido, emociona e é diferente de outros *reality shows*. Apesar de ser um programa de competição, todas se unem e tem um momento em que cada uma vai contar a sua história e vai se abraçar mesmo que seja uma competição. Eu acho que como entretenimento ele é perfeito"
"[...] eu gosto de *reality shows* [...] Eu via outros seriado como America's Next Top Model, Project Runaway, Survivor, Work of Art e eu tenho afinidade com o formato, então tipo é um dos motivos que me fez ter interesse pelo programa."

Com o mesmo grau de impacto da motivação Entretenimento, a Bandeira Identitária foi mencionada por nove dos entrevistados. Por ser um programa sobre *drag queens* e elas terem apelo LGBT, os entrevistados desta categoria falaram da relação do seriado com a identidade da comunidade da diversidade sexual de gênero. Um dado interessante é que pessoas heterossexuais citaram simpatia pelo programa por falar do grupo LGBT e nem todas as pessoas não heterossexuais citaram o apelo da comunidade que fazem parte.

"[...] achei que é interessante essa inclusão no Multishow pelo fato de ser um *reality show* de travesti⁹ e tudo mais e por passar em horário comercial"
"Fala de uma comunidade da qual eu faço parte e tem uma veia artística muito forte, daí dá vontade de continuar acompanhando."
"Aparentemente é um programa só de entretenimento, mas tem uma questão de visibilidade de pessoas trans, travestis, *drags*. Eu acho importante saber mais

⁹ Em sua fala, a pessoa entrevistada se equivoca já que a maioria das *drag* competidoras são homens cisgêneros.

sobre essa manifestação cultural e sobre os interesses e anseios dessas pessoas que devem ter todos esses aspectos respeitados [...]."
"É uma boa forma de se entreter e ser engraçado e até político às vezes (...)."

A motivação menos comentada foi a de Curiosidade. Por *drag queens* não terem grande espaço na mídia, o *reality show* abre espaço para que diversas pessoas aprendam sobre a vida e a arte destes homens que se vestem de mulher:

"Eu acho que é uma coisa que te prende muito. [...] e eu amo essa coisa de se transformar, *drags*, eu gosto muito de *drags*. E até conhecer mais o universo *drag queen*."

"Às vezes é muito mais uma performance. As *drags* contam que se transformaram como uma forma de refúgio, uma forma de se encontrar, pra sair da depressão, pra perder a timidez [...]."

"[...] tenho curiosidade também pra conhecer um pouco da cultura *drag* [...] os valores, se são diferentes, quais os estilos. O programa vai balizando a minha descoberta porque eu poderia procurar sozinho por *drags* [...] só que eu talvez esteja esperando mais o programa pra poder ver [...]."

Tendo em vista as motivações, o sucesso de RuPaul's Drag Race está atrelado principalmente ao fato de ser único numa multidão de *reality shows*. Apesar de haverem programas sobre modelos, ou sobre gays, nenhum tem o melhor dos dois mundos como o Drag Race. Para Ana Rocha e Rosely Brito (2015), "ao explorar a cultura das *drags*, ele também consegue despertar certa conscientização sobre o que é ser *drag* e fazer com que essa forma de atuação performática seja mais reconhecida como um tipo de arte.". Elas completam falando que "é impossível não perceber suas qualidades, pois evoca valores como tolerância, aceitação das diferenças e liberdade e esclarece dúvidas, sem abrir mão, no entanto, da irreverência e glamour."

CONSIDERAÇÕES FINAIS

É fácil perceber que o fato de ser único, torna RuPaul's Drag Race um programa atraente para diversos grupos, mesmo para pessoas que não estão na comunidade LGBT. As motivações levantadas (Entretenimento, Integração Social, Bandeira Identitária e Curiosidade) conversam diretamente com o que é o mundo *drag*. Este mundo ainda tem muito para ser desbravado e que vai além de um "Homem que se veste de mulher, utilizando-se de roupas exóticas e maquiagem carregada, como diversão, ou a trabalho, normalmente em bares e casas de espetáculo.", como consta nos dicionários.

Este mundo a ser desbravado é o que leva pessoas a assistirem e indicarem o programa a outras do seu círculo social, sejam amigos ou cônjuges. Isso também leva ao estrelato as suas participantes do *reality show*, já que *drag queens* são raridades na comunicação social e as poucas figuras que aparecem são acolhidas e consumidas sejam na música, no cinema ou em um seriado como RuPaul's Drag Race.

Não é de se estranhar o apego das pessoas por este programa já que desde o aparecimento dos homens vestidos de mulher, havia um público para assisti-los. As *drag queens* estão mais uma vez se popularizando e RuPaul's Drag Race é um responsável por isto utilizando-se a mesma mídia que em meados do século XX levou as *drags* ao ostracismo.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AMANAJÁS, Igor. Drag Queen: Um percurso histórico pela arte dos atores transformistas. **Revista Belas Artes**, São Paulo, 06 ago. 2015. Disponível em: <<http://www.belasartes.br/revistabelasartes/downloads/artigos/16/drag-queen-um-percurso-historico-pela-artedos-atores-transformistas.pdf>>. Acesso em: 12 abr. 2016.

ANDRADE, Adalberto. Na década de 60 o movimento feminista invadiu a Europa e os Estados Unidos buscando novos horizontes, queimando.... **Portal Aids**, 2007. Disponível em: <<http://www.aids.gov.br/noticia/na-decada-de-60-o-movimento-feminista-invadiu-europa-e-os-estados-unidos-buscando-novos-hori>> Acesso em: 1 maio 2016.

BIOGRAPHY. **Site oficial RuPaul**, __. Disponível em: <<http://www.rupaul.com/biography/>> Acessado em 12 abr. 2016.

BIRNBAUM, Debra. 'Breaking Bad,' 'True Detective' Win at TCA Awards. **Variety**, 2014. Disponível em <<http://variety.com/2014/tv/awards/breaking-bad-true-detective-win-at-tca-awards-1201265178/>>. Acessado em 3 maio 2016

CONGER, Cristen. How Drag Queens Work. **How Stuff Works**, 2012. Disponível em <<http://people.howstuffworks.com/drag-queen.htm>>. Acessado em 5 jul. 2016.

COSTA, Vinícius. Dez motivos para se amar 'Priscila – A Rainha do Deserto'. **Saraiva Conteúdo**, 2014. Disponível em: <<http://www.saraivaconteudo.com.br/Materias/Post/60965>>. Acesso em 3 maio 2016.

DRAG QUEEN. In: **Michaelis Moderno Dicionário da Língua Portuguesa**. _: Melhoramentos, 2009. Disponível em: <<http://michaelis.uol.com.br/moderno/portugues/index.php?lingua=portugues-portugues&palavra=drag%20queen>>. Acesso em 1 maio 2016.

DUARTE, Leopoldo. Higienizando a história: Stonewall, o filme. **Revista Fórum**, 2015. Disponível em <<http://www.revistaforum.com.br/osentendidos/2015/08/06/higienizando-a-historia-stonewall-o-filme/>>. Acessado em 5 jul 2016

FERREIRA, Raquel Marques Carriço. **Telenovelas brasileiras e portuguesas: padrões de audiência e consumo**. Aracaju: Edise, 2015.

FERREIRA, Raquel Marques Carriço; FELIZOLA, Matheus Pereira Mattos. "Teoria Fundamentada em Dados" uma experiência metodológica. **Revista Latinoamericana de Metodología de la Investigación Social**. Ano 2, n. 3, p7-19, abr/set 2012.

FISCHER, Neuber. Nany People é contratada para elenco fixo do programa Xuxa Meneghel. **Observatório da Televisão**. Disponível em: <<http://observatoriodatelevisao.bol.uol.com.br/noticias-da-tv/2016/04/nany-people-e-contratada-para-elenco-fixo-do-programa-xuxa-meneghel>>. Acessado em 5 jul. 2016.

GLITTER: Reality show com drags do Nordeste faz sucesso na internet. **Revista Lado A**, 19 out 2012. Disponível em <<http://revistaladoa.com.br/2012/10/noticias/glitter-reality-show-com-drags-nordeste-faz-sucesso-na-internet>> Acessado em 3 maio 2016.

JACOBS, Blake. RuPaul's Drag Race Season 9 Casting Just Begun!. **The Wow Report**, 2016. Disponível em: <<http://worldofwonder.net/rupauls-drag-race-season-9/>> Acessado em 3 maio 2016

MEDEIROS, Kavad. Especial: O renascimento da cultura drag queen e sua invasão musical. **Portal POPLine**, 2015. Disponível em:

<<http://portalpopline.virgula.uol.com.br/especial-o-renascimento-da-cultura-drag-queen-e-sua-invasao-musical/>>. Acesso em 3 maio 2016.

MULTISHOW compra os direitos para RuPaul's Drag Race no Brasil. **Divirta-se**, 27 maio 2015. Disponível em: <http://divirta-se.uai.com.br/app/noticia/mexerico/2015/05/27/noticia_mexerico,168110/multishow-compra-direitos-para-rupaul-s-drag-race-no-brasil.shtml> Acessado em 3 maio 2016.

PESSOA, Gabriela Sá. RuPaul estreia 7ª temporada de reality show e celebra coragem de participantes. **Folha de São Paulo**, 2015. Disponível em <<http://www1.folha.uol.com.br/ilustrada/2015/01/1572777-rupaul-estreia-7-temporada-de-reality-show-e-celebra-coragem-de-participantes.shtml>>. Acessado em 3 maio 2016.

PRONO, Luca. **Encyclopedia of Gay and Lesbian Popular Culture**. Londres: Greenwood Press, 2008.

ROCHA, Ana Luiza Nogueira da; BRITO, Rosaly. Sissy that walk: uma análise crítica sobre RuPaul's Drag Race. **Intercom**, Rio de Janeiro, 4-7 set 2015.

ROGERS, Katie. RuPaul: Drag Race 'has exactly the effect we thought it might have'. **The Guardian**, 2014. Disponível em: <<http://www.theguardian.com/tv-and-radio/2014/feb/24/rupaul-drag-race-lgbt-impact-pop-culture-tv>>. Acessado em 3 maio 2016.

SANTOS, Adriana da Rosa; SALES, Roseni dos Anjos; FERREIRA, Raquel Marques Carriço. A Audiência de Chaves: motivos, usos e gratificações. **Revista Alterjor**, Ano 6, vol 2, ed. 12, jun. dez. 2015.

STONEWALL Inn: o bar que mudou a história do movimento gay. **Ig**, 28 jun 2014. Disponível em: <<http://igay.ig.com.br/2014-06-28/stonewall--o-bar-que-mudou-a-historia-do-movimento-lgbt.html>>. Acessado em 5 jul. 2016.

TURNEY, Paige. The 11 Most Common Drag Queen Styles. **Queerty**, 2014. Disponível em <<http://www.queerty.com/11-common-drag-queen-styles-20140603>> . Acessado em 5 jul. 2016.

VIEIRA, Willian. Graças a RuPaul, drag queens estão na moda. **Carta Capital**, 2015. Disponível em <<http://www.cartacapital.com.br/revista/841/como-o-efeito-rupaul-colocou-drag-queens-na-moda-1956.html>>. Acessado em 3 maio 2016.